

## **Profª Jocelaine Silveira**

CEI Professora Juliana de Carvalho Vieira - Joinville/SC

### **Título**

O que tem no mato: mistérios da natureza!

### **Resumo**

O relato de experiência a ser descrito foi vivenciado em uma turma parcial de 2º período, com 14 crianças de 5 anos e sua professora, no Centro de Educação Infantil Professora Juliana de Carvalho Vieira, localizado mais ao sul da cidade de Joinville, em Santa Catarina, no bairro Itinga.

Expedições são realizadas pelos arredores do CEI, onde temos um solo argiloso e montanhoso, com uma área verde em que as crianças podem se entranhar na terra, podem escalar barrancos, aventurar-se em um terreno acidentado, realizando expedições para pesquisar e investigar, conhecer e explorar os seres vivos daquele lugar. Um vasto laboratório de pesquisa a céu aberto, ao ar livre e puro! Quanta coisa a ser descoberta, tanto mistério a ser desvendado.

Mas o que tem no mato? As crianças queriam saber. Para que essa pergunta fosse respondida, muitos caminhos foram percorridos, grandes aventuras foram vivenciadas. A descoberta dos chás, as ervas que curam, as mãos que benzem. Um resgate cultural foi realizado durante este processo e a paixão pela natureza só aumentou. Todo este percurso será desvendado ao longo da escrita deste relato, que buscou sobretudo respeitar a criança como um ser potente, provocando ainda mais suas inquietudes. Que ela possa aquecer, aguçar e entrelaçar sua leitura. O relato de experiência a ser descrito foi vivenciado em uma turma parcial de 2º período, com 14 crianças de 5 anos e sua professora, no Centro de Educação Infantil Professora Juliana de Carvalho Vieira, localizado mais ao sul da cidade de Joinville, em Santa Catarina, no bairro Itinga.

### **Planejamento**

Sabemos que a criança é uma cidadã de direitos e que ao se relacionar com seus pares e com o meio, nas interações e brincadeiras, se constitui, faz suas conexões de aprendizagem, a partir dos seus conhecimentos e suas inquietações. Emília Ferreira (1989) afirma isso quando diz que: “a criança interage ativamente com seu meio, construindo suas próprias categorias de pensamento, ao mesmo tempo que organiza o mundo.” Pensando nisso, foi preciso dar vez e voz às crianças, que relataram, em uma roda de conversa, o que queriam investigar. Um amigo disse que queria saber o que tinha no mato, praticamente toda turma apoiou o tema. Mas o que tem naquele lugar? Tem tanta coisa que precisaremos descobrir, desvendar os seus mistérios.

Em nosso quintal tem muitas plantas: árvores frutíferas. Na horta temos chás, temperos, legumes, trepadeiras, plantas rasteiras, mas tudo era chamado de mato pelas crianças. Então vamos começar por este mato que está mais perto de nós: a horta. Foi aí que as crianças se encantaram pelos chás. Mas isso não bastou, queriam saber para que serviam, porque as pessoas tomavam, que cheiros tinham.

Pesquisando e procurando entender o uso dos chás na medicina alternativa, descobri uma riquíssima história em nosso próprio bairro, que me fez voltar às minhas origens: as benzedeadas. Os pais das crianças também relataram que as crianças visitavam as benzedeadas para ser benzidos, fazer simpatias e tomar

garrafadas. Essa tradição das benzedadeiras e o rico conhecimento que elas traziam sobre as ervas medicinais não resistiram às descrenças da população, que aderiram aos remédios prontos de farmácia sem saber que eles provêm das plantas da terra. Tendo isto muito forte na cultura dos antepassados e moradores do bairro, precisávamos resgatar essa tradição, apresentá-la aos pequenos pesquisadores da natureza.

Nossa pesquisa foi se estruturando conforme surgia o interesse das crianças, as segui e estruturei uma linha de continuidade de experiências:

- confeccionamos um catálogo de plantas com as folhas das ervas que pesquisamos e provamos;
- criamos um cantinho do chá na sala, com chaleira elétrica e as xícaras que as crianças trouxeram de casa;
- armazenamos e etiquetamos ervas secas em potes de vidros;
- fizemos a secagem dos chás colhidos em um móvel na sala, até as cascas de laranja foram secas para complementar nossos chás;
- realizamos uma visita ao laboratório de farmacognosia e no horto das plantas medicinais tóxicas e não tóxicas da universidade da cidade;
- montamos um laboratório de pesquisa em sala, um cantinho de experimentações;
- visitamos a comunidade pedindo doações de mudas de chás;
- criamos uma horta em espiral de plantas medicinais;
- rodas de chás em volta da fogueira;
- resgatamos a cultura das benzedadeiras, do uso das plantas medicinais, o que também é de conhecimento dos indígenas.

Essas experiências tiveram como objetivo geral incentivar a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza. Bem como promover a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra. Outros objetivos perpassaram esse processo:

- conhecer e respeitar a cultura medicinal das famílias;
- respeitar a natureza e a vida na terra, colaborando para a sua preservação;
- instigar os sentidos;
- levantar hipótese em relação à linguagem escrita, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita espontânea;
- classificar objetos e figuras de acordo com suas semelhanças e diferenças;
- resgatar a cultura de cultivo e uso de plantas medicinais;
- possibilitar situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças;

## **Diagnóstico**

O relato de experiência a ser descrito foi vivenciado em uma turma parcial de 2º período, com 14 crianças de 5 anos e sua professora, no Centro de Educação Infantil Professora Juliana de Carvalho Vieira, localizado mais ao sul da cidade de Joinville, em Santa Catarina, no bairro Itinga. O bairro Itinga limita-se com o município de Araquari, ficando aproximadamente a 11 km do centro da cidade. O nome do bairro vem do guarani "ytinga", que significa água branca, devido à cor leitosa que muitos rios apresentam na região, por conta da dissolução da argila branca ou caulim nas suas águas.

O CEI pertence à Rede Municipal de Joinville, porém funciona no prédio da Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Itinga (AMORABI), desde 9 de abril de 2012, sob um contrato de comodato entre a prefeitura e a associação. Voltando um pouco a história da unidade, em 1992 uma professora aposentada chamada Juliana de Carvalho Vieira, percebendo que o poder público não apresentava proposta para a construção de um CEI no bairro, doou sua casa (seu único patrimônio) para a instalação de um centro de educação infantil, que levou o seu nome, sendo administrado pela AMORABI. Anos mais tarde, o CECEI Vovó Juliana e a AMORABI mudaram-se para atual sede, localizada na Rua dos Esportistas; parte da construção foi paga com recursos vindos da venda da casa doada pela senhora Juliana. Com isto, agregou-se a este CEI a história de luta da comunidade e principalmente das mulheres deste bairro, em prol da construção de um espaço que fosse mantido pelo município de Joinville. Infelizmente a senhora Juliana não pôde ver a realização dos seus anos de luta, vindo a falecer em abril de 2005, mas deixou um lindo legado de luta ao bairro Itinga.

Sendo um prédio cedido, as instalações prediais não podem ser modificadas, muitas vezes não suprimindo a necessidade de nossas crianças, porém fazemos o nosso melhor para lhes proporcionar momentos ricos em interações e aprendizagens significativas em seu meio. Mas estes espaços não nos limitam em nossas experiências, as crianças nos mostram, em suas ações, que o espaço físico é apenas a delimitação de um lugar, o que enriquece são as materialidades, as interações com seus pares e a maneira como organizamos este lugar. Expedições são realizadas pelos arredores do CEI, onde temos um solo argiloso e montanhoso, com uma área verde em que as crianças podem se entranhar na terra, podem escalar barrancos, aventurar-se em um terreno acidentado, realizando expedições para pesquisar, conhecer e explorar os seres vivos daquele lugar. Um vasto laboratório de pesquisa a céu aberto, ao ar livre e puro!

As informações contidas neste parágrafo foram retiradas do PPP - Projeto Político Pedagógico do Centro de Educação Infantil Professora Juliana de Carvalho Vieira, 2018.

## **Desenvolvimento**

As crianças estão conectadas à terra e à natureza em uma relação muitas vezes inexplicável. Demonstrem um anseio em descobrir o porquê das coisas, respostas para suas indagações, uma maneira de se religar, de se encontrar no espaço e no tempo. Em uma roda de conversa feita com a turma, esse interesse ficou explícito, descobrir o que tem no mato, desbravar seus mistérios: como as árvores crescem, identificar e catalogar plantas, conhecer suas utilidades, descobrir os mistérios do fogo. A proximidade que as crianças têm com a natureza nos arredores do nosso CEI germinou conhecimentos embrionários que precisavam ser entendidos e vivenciados.

Em uma observação detalhada das crianças pelo nosso quintal, encontramos uma diversidade de plantas: chás, temperos, frutíferas, vegetais. Um vasto campo pronto para a pesquisa, um laboratório ao ar livre.

As pequenas mãos tocavam o verde das folhas que foram aos poucos sendo arrancadas de seu caule e levadas ao nariz. Numa percepção olfativa, os pequenos descobriram que tinham cheiro agradável. Ana cuidadosamente arrancou uma folha do limoeiro; ao vê-la expressar felicidade, seus amigos queriam constatar o aroma também. Logo um diálogo se formou:

- Tem cheiro forte. (Ana)
- Tem espinho! (Gabriel)
- Tem cheiro de limão. (Kayque)
- Meu pai faz suco de limão com açúcar. (Maria)

Diante de tal interesse, surge a vontade de preparar um chá. Colhemos algumas folhas que rapidamente foram higienizadas pelo grupo, virando um *mix* de chás. Esperamos o borbulhar da água na chaleira elétrica, nos avisando que ela já estava aquecida. Agora nosso chá poderia ser experimentado. As crianças não queriam ficar com a descoberta só para si; pediram para levar para casa o chá pronto, assim os pais poderiam provar também. Suas garrafinhas de água viraram garrafinhas de chás e a experiência foi compartilhada com suas famílias.

Observando o comportamento das crianças e a ligação que elas têm com a natureza, ficou inevitável não dar o devido suporte para essas aprendizagens. A partir dessa experiência, ao encontrarem uma planta, logo queriam saber se dava para fazer chá com ela. Assim começou nossa investigação: os chás foram sendo identificados, pesquisados e provados.

A família também foi envolvida em nossas vivências, enviando mudas de chás que tinham em casa e relatando para que o usavam. Colamos as folhas dos chás da nossa horta e as trazidas pelas famílias em um caderno de desenho, no qual as crianças ajudaram a escrever e catalogar cada uma que provávamos e pesquisávamos. Deste modo os pequenos já iam fazendo suas tentativas de escrita e leitura, de forma natural.

Mas um problema surgiu: como fazer para provar chás sempre que tivéssemos vontade? O professor, sendo o par mais experiente entre as crianças, buscou, na cultura dos antepassados, o modo de armazenagem de chás. Conversando com alguns avós, descobrimos que os chás eram colhidos ao amanhecer (garantindo maior eficácia de sua essência), amarrados em um cordão e pendurados para secar, protegidos da luz solar e da umidade.

Descobrimos, também, que a cultura dos benzedeiros era forte no bairro antigamente. Nossa sala ganhou um móvel de bambu, que recebeu os macinhos de chás doados pelas famílias e/ou colhidos em nosso quintal. Agora era só esperar a secagem dos chás.

Numa de nossas caminhadas pela mata, nos arredores do nosso quintal, percebi que havia muitas flores amarelas espalhadas por todo lugar. Ao aproximar-me delas, um cheiro de infância invadiu meus pulmões, trazendo a memória de um aroma sentido nos travesseiros da vovó. Mas, de momento, elas ficariam ali. Após uma pesquisa, a descoberta da colheita do chá de marcela contribuiu e muito. Estávamos próximos da sexta-feira santa, dia em que se faz culturalmente a colheita desta flor. Mas não estaríamos reunidos para colher neste dia, então colhemos antes. Com apoio de uma tesoura, delicadamente a turma foi cortando os galhos e juntando macinhos para levar para casa. Depois de descobrirem que a marcela pode

ser usada para outras finalidades, inclusive travesseiro, os pequenos queriam dormir com aquele cheirinho também. Levaram o encantamento pelas marcelas para casa.

As memórias também me fizeram recordar das rodas de chimarrão feitas de mate doce. E por que não apresentar essa tradição para as crianças? Colhemos as folhas de capim-limão, lavamos e juntamos na chaleira elétrica com um pouco de água, leite e açúcar. A roda estava preparada, a cuia de chimarrão foi apresentada e o vapor adocicado do mate doce espalhou-se pelo nosso quintal. A bomba roncava e quem esperava para tomar, podia também saborear pipoca doce. Como numa roda de chimarrão de "gente grande", nossos pequenos detetives conversavam:

- Lá dentro tem sujeira. (Guilherme)
- É um bebedouro de "tomá" por esse. (Helena)
- Chimarrão faz bem pra saúde, né? (Cauã)
- Eu gostei, quero mais. (Geovana)
- Eu não adorei. (Guilherme)
- O espinho derreteu? (Kauã)

Neste processo de colher a planta para fazer o mate, Maria cortou sua mão. Usamos da tecnologia para desvendar esse mistério. Um microscópio revelou o segredo do capim-limão.

- "Ispinho, ispinho"! Isso aí que me cortou. (Maria)
- É verdinho. (Cauã)
- Minha nossa! É pontudo. (Kauã)

Observando que o interesse das crianças só aumentava, precisávamos conhecer mais sobre as plantas. Como elas se alimentam, do que precisam, como crescem e nascem. Realizamos experiências e brincadeiras para responder a cada uma destas perguntas.

No parque foram disponibilizadas folhas diversas, água da cisterna, raladores, potes, tocos de madeira, pedras e colheres. Brincando de comidinha, as crianças cortaram, esmagaram, ralaram, socaram e filtraram no coador de café. Grande foi a descoberta ao perceber que das folhas saía um líquido verde, que posteriormente conheceram por seu nome científico: clorofila. Aos poucos as crianças foram relatando o que sabiam sobre as plantas:

- Ela começa "piquena", fica média e depois grande. (Ezequiel)
- Eu já fui numa loja que tem uma planta que come mosca. (Pedro)
- Elas bebem água. (Ana)
- A água vai "passá" na terra e vai na raiz e leva até a boca da planta. (Igor)
- Ô, prô, quando bota uma planta na "oreia", ela "muchá". (Guilherme)
- É porque não dá água pra ela. (Maria)

- Eu acho que a raiz alcança a água, porque ela pode ir através da água. (Kauã)
- Tem a raiz, né, daí quando a água passa, daí vem tudo pela raiz, daí vai dentro da folha, daí ela bebe. (Maria)

Para potencializar ainda mais essas descobertas e curiosidades das crianças, no mês de abril agendamos uma visita à universidade da cidade. Os pequenos já haviam feito uma visita no ano anterior com outro desejo de pesquisa. Já familiarizados com o local, fomos para o laboratório de farmacognosia descobrir como os cientistas fazem suas pesquisas e extraem a essência das plantas. Viram de perto os pesquisadores trabalhando. Depois fomos ao horto de plantas medicinais e tóxicas. Os olhinhos atentos observavam cada detalhe, encantavam-se com a diversidade das plantas.

- Olha isso aqui. Parece um bambu “piqueno”. (Vinicius)

Era uma planta chamada cavalinha. A professora da universidade perguntou às crianças se elas sabiam o que podia e não podia tomar:

- Pode “tomá” chá de marcela. (Maria)
- O venenoso não pode. (Cauã)
- Porque pode “tomá” e “morrê”. (Igor)
- Alguns ajudam a “vomitá”. Porque “vomitá” é bom. (Cauã)
- As plantas tem clorofila. (Ana)

Observando uma planta espinhosa no jardim das venenosas, as crianças simplificaram a sua função:

- Elas tem “armadulas” porque elas têm medo que cortem elas. (Pedro)

Enquanto a professora tocava o capim-limão, logo uma criança alertou:

- Tem que “tê” cuidado que ela pode “cortá”. (Ana)
- Essa tem lá no nosso CEI. (Helena)

Tudo que foi falado pela professora da universidade que nos acompanhou foi cuidadosamente absorvido pelas crianças, que descobriram que os remédios que a mamãe compra na farmácia têm, em sua composição, as essências de muitas plantas do horto. Aprenderam que as plantas não são matos e que devem ser pesquisadas antes de ser tocadas, pois algumas soltam substâncias que aceleram o coração, queimam os olhos e a boca e podem até matar pessoas. Para finalizar, fizemos uma caminhada pela trilha do local. Uma das crianças explicou tudo o que aprendeu para a estudante que nos acompanhou nessa etapa do passeio.

- Tem planta com espinho e outra que se tu “comê”, acelera o coração. (Cauã)

A acadêmica que nos acompanhava pediu para que observássemos uma planta misteriosa, diferente. Mas o segredo já não era novidade. Logo alguém disse:

- É uma planta carnívora, ela come insetos.

Pronto, já estavam se sentindo veteranos no assunto. Os pequenos cientistas trocaram experiências e saberes, despertaram curiosidades e sorrisos, um verdadeiro intercâmbio de aprendizagens, observando o mais belo elo da vida: a criança e a natureza.

O fogo, o mato, a terra, a criança. Elementos naturais e da natureza. Quanto encantamento temos todos os dias! Provocando essa ligação das crianças com os elementos, fomos para a mata fazer fogo. A professora inicia uma brasa com um isqueiro, as crianças contribuem recolhendo, do local, gravetos e mato seco para iniciar o fogo. Todos estão apreensivos torcendo para que a brasa se torne uma chama. A brasa estava acesa, a fumaça indicava que no meio de tanto verde, alguém se aquecia naquela tarde fria. Logo o calor da chama indicava que o fogo acendeu, colocamos nossa panela com água sobre as brasas, apoiada entre pedras para não cair. Não demorou muito para a água estar no ponto, nosso chá já exalava seu aroma. Hora de reunir a turma para saborear um chá no mato, garantindo um currículo provocador de experiências e aprendizagens. Um laboratório de ciências foi desenvolvido e criado com as crianças em sala, para que pudéssemos realizar nossas pesquisas, como vimos na universidade. Potes de vidros, pinças, sementes e folhas, microscópio, luvas, materiais que ficam à disposição dos pequenos para analisarem suas indagações e comprovarem suas hipóteses, enquanto estão em qualquer espaço do nosso quintal.

Para que todos do CEI pudessem vivenciar este encantamento pelas plantas que nossa turma estava cultivando, propusemos às crianças a criação de um cantinho de chás, uma horta de plantas medicinais em espiral. No mês de maio, visitamos os vizinhos da comunidade, pedindo mudas de chás para nossa horta. Conversamos com muitos vovôs e vovós que prontamente nos receberam e doaram mudas. Este processo de construção do cantinho ainda está em andamento e pretendemos concluí-lo no mês seguinte.

A turma assistiu a um vídeo que mostrava como era feita esse tipo de horta, depois fomos para o quintal. Com uma corda, as crianças precisavam montar o desenho de um caracol, desta maneira teríamos a delimitação da espiral de nossa horta. O trabalho de formiguinhas começou e, desafiando sua força e equilíbrio, as crianças transportavam os tijolos e já iam organizando-a, um ao lado do outro, seguindo o contorno da corda.

- Eu sei como é que é. (Kauã)
- Parece a tampa de um caracol. (Cauã)
- Todo mundo olha aqui primeiro. Olha, gente, aqui primeiro, como tem que "fazê". (Kauã)
- Já sei. Tem que "fazê" bem curto. (Yuri)
- Em cima da corda, gente. "Vamo fazê" um trabalho. (Kauã)
- "Vamo segui" na corda. (Helena)

Nesta brincadeira, os "engenheiros" descobriram que era preciso de uma planta para começar um projeto de construção. Perceberam a importância do trabalho em grupo e, sem orientação, foram se organizando: uns ajeitavam a obra, outros conferiam se estava igual à planta e outros carregavam os tijolos. Pronto! A primeira fase de construção estava feita. Os tijolos acabaram ainda no fundamento, mas a obra não parou. Os construtores usaram sua força para cavar e tirar terra de um barranco da frente do CEI. Iam enchendo o carrinho de mão junto com o Jean, funcionário de manutenção geral e provocador de muitas vivências em nossa unidade. Dias depois, mais um carregamento de tijolos chegou e as crianças terminaram a

construção. Cuidadosamente desenterramos as mudas de chá da horta provisória. Um novo berço foi cavado com as mãos e preenchido com as ervas. Ela ficou linda! Todos orgulhosos do seu trabalho, admiravam a criação e, quando os pais chegaram para buscá-los, mostravam orgulhosos o que tinham realizado naquele dia. Para comemorar faremos um cartão de convite para os vovôs e vovós vizinhos, que doaram mudas de ervas, informando que acontecerá uma tarde de chás e prosas, direcionada a toda a comunidade escolar, para virem conhecer a nossa horta: feita de muitas mãos, de muitos sonhos, de muito cheiro, de muito aprendizado. De uma sabedoria que vem lá dos antepassados e que está sendo vivenciada pela nova geração.

## **Avaliação**

### **Aprendizagem**

O desenvolvimento de todo este projeto foi enriquecedor, tanto para as crianças quanto para mim. Como já dizia Paulo Freire (1996), "educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante." Pesquisando para adquirir mais conhecimento sobre as plantas, revivi momentos felizes de minha infância, me aproximei da cultura de meus antepassados. Ao resgatar essa vivência e empoderar as crianças com tanto conhecimento, de maneira lúdica e respeitosa, pude perceber que minhas práticas pedagógicas precisavam caminhar junto ao interesse dos pequenos.

As crianças são potentes, precisamos saber como provocar esses conhecimentos embrionários delas. Não podemos subestimar seus saberes, nem limitar o que podem aprender. Os pequenos querem desafios maiores que eles. Acredito que tudo que foi explorado estava ao alcance de suas potencialidades. As experiências propostas, as brincadeiras, explorações de terreno, de ervas e espaços, foram propícias para alcançar os objetivos propostos neste projeto. Que não termina por aqui, durante seu processo de construção, novas propostas de investigação surgiram, ele pode tomar rumo diferente ou pode se manter na mesma linha de pensamento, vai depender do caminho ao qual as crianças conduzirão esse interesse.

A busca pelo aperfeiçoamento dos conhecimentos, a pesquisa nos livros, artigos e formações de professores que temos na unidade, contribuíram, e muito, para o desenvolvimento e embasamento deste projeto. Autores conceituados como Gandy Piorski, Jorge Larrosa, Emilia Ferreiro, Léa Tiriba, Luciana Ostetto, Loris Malaguzzi, me fortaleceram nas leituras, com as quais me supri de uma pedagogia enriquecedora de sentido, de olhar e escuta sensível, de aperfeiçoamento de práticas e vivências.

A prática descrita nesse relato foi de total protagonismo das crianças, o interesse surgiu delas e a professora, sendo o par mais experiente, projetou a pesquisa para que fosse enriquecedora e cheia de sentido, caminhando sempre ao lado dos pequenos. As aprendizagens foram observadas durante a fala das crianças e na troca com seus pares. Nas brincadeiras de fazer comidinha, cortavam e esmagavam as folhas e caules, na expectativa de extrair a clorofila: o "sanguinho verde" das plantas. Na visita à universidade da cidade, os pequenos surpreenderam os adultos numa explicação simples do que é a clorofila e de como esse processo acontece. Falas estas que já foram descritas ao longo deste relato.

As plantas que antes eram apenas mato, agora, antes de serem tocadas, são investigadas para saber o que são. As crianças querem saber se é chá, se é venenoso, se pode comer, ou só brincar. Tomar chá virou um hábito que as crianças estão desenvolvendo. Nos dias frios, um chá é sempre pedido para aquecer o corpo. O respeito pela terra, pela cultura e pela natureza, tem sido cultivado pelas crianças e propagado por todos que em nosso espaço se relacionam. A horta que criamos está disponível para que as crianças,



os professores, os familiares e a comunidade, possam usufruir desta conquista. Uma troca de conhecimentos que vem fortalecendo o cooperativismo, o cultivo de plantas medicinais, a cultura de uma comunidade. O respeito pela natureza e pelo outro.

Essa prática vivenciada não impede de ser replicada por outras crianças e professores. Mas, para que haja sentido para as crianças e seus pares, é necessário que o interesse da pesquisa parta dos pequenos e que a comunidade em que este local de ensino esteja inserido tenha em sua história essa cultura e o cultivo de ervas medicinais. O meio em que a criança vive também é provocador de aprendizagens, de vivências das quais as crianças se apoderam. Tudo precisa ter e fazer sentido para ela, desta forma as aprendizagens serão mais ricas e farão sentido, não serão apenas uma experiência linda para um de seus pares. Como afirma Larrosa (2002), "é experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito de experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação."

O professor precisa estar atento aos sinais de interesse das crianças, ter um olhar observador enquanto ela brinca, pois neste ato de brincar, ela dialoga com seus pares e revela seus desejos, anseios e interesses, as curiosidades de mundo.

As crianças não conseguem esconder seu interesse e muito menos sua insatisfação com o que está sendo proporcionado a ela. Partindo do que tenham vontade de conhecer, de saber mais sobre o que se propõem, o retorno será grandioso. Realizando as experiências de maneira brincante e com o protagonismo total dos pequenos, nas rodas de conversa, nas trocas com outros pares adultos ou crianças, esse conhecimento será facilmente observado em suas ações e falas. As crianças conhecem mais do mundo do que imaginamos, não podemos subestimar seus conhecimentos, limitando o que podem fazer. É preciso repensar as práticas pedagógicas e reconhecer a potência das crianças.

### **Reflexão**

Essa prática vivenciada não impede de ser replicada por outras crianças e professores. Mas para que haja sentido para as crianças e seus pares, é necessário que o interesse da pesquisa parta dos pequenos e que a comunidade em que este local de ensino esteja inserido tenha em sua história essa cultura e o cultivo de ervas medicinais. O meio em que a criança vive também é provocador de aprendizagens, de vivências das quais as crianças se apoderam. Tudo precisa ter e fazer sentido para ela, desta forma as aprendizagens serão mais ricas e farão sentido, não serão apenas uma experiência linda para um de seus pares. Como afirma Larrosa (2002), "é experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito de experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação."

O professor precisa estar atento aos sinais de interesse das crianças, ter um olhar observador enquanto ela brinca, pois neste ato de brincar, ela dialoga com seus pares e revela seus desejos, anseios e interesses, as curiosidades de mundo.

As crianças não conseguem esconder seu interesse e muito menos sua insatisfação com o que está sendo proporcionado a ela. Partindo do que tenham vontade de conhecer, de saber mais sobre o que se propõem, o retorno será grandioso. Realizando as experiências de maneira brincante e com o protagonismo total dos pequenos, nas rodas de conversa, nas trocas com outros pares adultos ou crianças, esse conhecimento será facilmente observado em suas ações e falas. As crianças conhecem mais

do mundo do que imaginamos, não podemos subestimar seus conhecimentos, limitando o que podem fazer. É preciso repensar as práticas pedagógicas e reconhecer a potência das crianças.